**FIP especial 2023**

Sábado, 2 de Setembro | 18h00

Casa da Música > Sala 2

Miquel Bernat [ESMAE/IPP]

Bruno Costa [ESART/IPCB] Eduardo Cardinho [UA]

Pedro Carneiro [ESML/IPL]

João Dias [UM]

Marco Fernandes [UÉ]

Miguel Herrera [Metropolitana]

Mário Teixeira > direcção musical

• João Carlos Pinto (1998) | *MUSIC FOR PERCUSSION* [2020] \*# ca 15’

• Rita Torres (1977) | *MSTRG - TRLD* [2020] \*# ca 12’

• João Pedro Oliveira (1959) | *Pulsar* [2018] \* ca 15’

• Cândido Lima (1939) | *HOQUETUS - tambores de Maio* [2020] \*# ca 15’

\* encomenda da Arte no Tempo, financiada pela DGArtes

# estreia absoluta

**João Carlos Pinto (1998) | *MUSIC FOR PERCUSSION* [2020]**

Esta obra foi escrita durante o primeiro confinamento em Portugal associado à COVID-19, em Março 2020.

É uma obra sobre nada, sem qualquer intenção programática que não seja a música a respirar por ela própria – sem conceito.

O processo de composição assemelhou-se a um *sound painting*, mas em diferido – com uma grande folha em branco à frente e várias canetas de cor entre os dedos, fui pintando o que queria ouvir.

Rapidamente tornou-se claro que esta seria uma obra que viveria do gesto, de texturas e da abordagem do espaço (físico - com a espacialização dos músicos; e do trabalho do “espaço” na narrativa musical).

A estrutura de ***Music for Percussion*** oscila, então, entre Gestos e Texturas, com a excepção de um Coral que funciona como pilar central e espelho refletor da obra. Este Coral é inspirado no trabalho harmónico de Carlo Gesualdo da Venosa e é todo escrito para gongos, vibrafone e *bell plates* (salvo certos apontamentos); no entanto, a harmonia desenvolve-se em extremo *slow-motion*, obrigando os músicos a um imenso esforço, cuidado e rigor entre accionar notas e cortar ressonâncias numa corrida contra o belo e o frágil.

Estrutura de ***Music for Percussion***:

● Gesto I

● Gesto II

● Textura I

● Textura I - desenvolvimento

● Textura II

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

● Coral

● Coral - frase 1

● Coral - frase 2

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

● Textura III

● Textura III - 1º desenvolvimento

● Textura III - 2º desenvolvimento

● Gesto III

● Textura IV

● Textura V

● (gesto III)

● Gesto III - desenvolvimento

● Gesto III - variação do desenvolvimento

J.C.P

**Rita Torres (1977) | *MSTRG - TRLD* [2020]**

para sete percussionistas

Na origem desta peça estão outras três de minha autoria:

• *MSTRG*, para um percussionista (2008-2009, rev. 2010/2014)

• *Mostrengo-Interlude*, para sistema de difusão 5.1 (2008)

• *SMPG*, para seis percussionistas (2005-2008, rev. 2009)

*Mostrengo-Interlude* e *MSTRG* fazem ambas uso do poema de Pessoa *O Mostrengo* (do livro *Mensagem*). A primeira contrapõe duas leituras muito distintas do poema (pelos actores João Villaret e Luís Miguel Cintra); a segunda segue a sequência dos versos do poema, fazendo corresponder os diferentes personagens (narrador, mostrengo e homem do leme) a sons produzidos por diferentes materiais (madeira, metal e pele, respectivamente), bem como certos fonemas a determinados instrumentos.

*MSTRG-TRLD* segue a estrutura das leituras em *Mostrengo-Interlude*, fazendo uso do material musical de *MSTRG*, que então é executado duas vezes. Cada percussionista, com excepção do percussionista ao centro, executa individualmente o material correspondente aos versos de um dos três personagens (no que respeita ao mostrengo, tanto a estrutura das leituras como o material foram usados mais livremente). Os instrumentos que em geral os acompanham correspondem aos do personagem que está a ser referido (por exemplo, quando o narrador se refere ao homem do leme, o acompanhamento é produzido por peles). Uma parte do material e das ideias dos acompanhamentos provém de SMPG (esta peça é uma tentativa de transcrição da minha peça *Shaking Mendeleev in the Presence of a Guitar* [2004-2005] para sistema de difusão 5.1 que, por sua vez, foi usada em parte *em Mostrengo-Interlude* para dialogar com as leituras e comentá-las, realçando os momentos de tensão do poema).

*MSTRG-TRLD* é uma encomenda da associação Arte no Tempo para a terceira edição do Festival Itinerante de Percussão.

R.T.

**João Pedro Oliveira (1959) | *Pulsar* [2018]**

Pulsares são estrelas que, em virtude de seu intenso campo magnético, produzem um certo tipo de energia eletromagnética. Com a rotação do pulsar, o campo magnético acelera certas partículas sub-atómicas, provocando uma emissão de radiação que, ao ser observada de certo ângulo, se apresenta como uma energia pulsante.

Esta obra foi inspirada neste fenómeno da astrofísica e utiliza certas técnicas de repetição frásica e sobreposição de texturas, derivadas do gamelão do Bali. Ciclos de notas repetem-se e sobrepõem-se em ritmos e velocidades diferentes, levando à formação de texturas granulares, percorrendo todo o espectro sonoro, e que se apresentam auditivamente como sendo "pulsantes".

*Pulsar* resulta de uma encomenda da Arte no Tempo.

J. P. O.

**Cândido Lima (1939) | *Hoquetus - tambores de Maio* [2020]**

para sete percussionistas

Homenagem e memória

*HOQUETUS – tambores de Maio* celebra a vida após dois meses de compressão, de silêncio e de expectativa, entre os meses de Março e Maio do ano de 2020, evocando amigos, emoções e afectos presentes na vida do compositor durante estes três meses onde, em Maio, tambores anunciavam, ao longe, como metáfora musical, o aparecimento de um oásis, paisagem real ou miragem.

HOQUETUS (que significa “soluço”, não choro!), técnica medieval de composição (interrupção abrupta de frase e de passagens de voz para voz) definiu, por um lado, processos internos rítmicos, entre outros processos; por outro lado, o subtítulo “tambores de Maio” apela ao simbolismo do “tempo que passa” e à expressão teatral, por música, de um coral de percussões a 21 vozes, para celebrar a vida após dois meses de solidão e de silêncio.

A obra é dedicada a Diana Ferreira – Arte no Tempo que, em 2019, encomendou ao compositor uma obra para septeto de percussão. A sua realização aconteceu em plena pandemia e, assim, é uma homenagem e memória a todos quantos rodearam de solidariedade e cumplicidade a comunidade entre vizinhos, família, amigos e interlocutores à distância (lembrando familiares que partiram a salvo da pandemia, durante os meses de Março, Abril e Maio de 2020 (e de 2021…). A obra é dirigida a todos eles e a todas elas, mas também ao ouvinte anónimo de povos e culturas. É uma música clara, aberta, imediata, exuberante, invasora de espaços como oásis sonoros, em jeito de celebração em tempos de dramas e tragédias de milhões de almas.

Além das técnicas de escrita gramatical, o movimento virtual e real dos instrumentos no espaço é de particular importância nesta obra, que foi concebida e escrita como um *puzzle*, como se estes grupos tivessem nascido à margem uns dos outros, coordenados apenas pelo cérebro do compositor, o único que conhece a obra no seu conjunto (os músicos vêm de 7 regiões distantes do país!). Por isso, os instrumentistas podem executar a obra autonomamente, usando tecnologias ou meios mais comuns, como o cronómetro (do telemóvel, por exemplo…), mas se houver maestro disponível, serão dirigidos como uma orquestra. Não existe partitura, senão como exercício posterior à escrita dos grupos. O compositor chama-lhe partitura *GESTALT* (forma), pela relação que há entre o todo e as partes… (o compositor escreveu a partitura depois de ter escrito a obra!...)

Além do regresso a memórias musicais medievais, de clássicos e de modernos, a obra evoca, durante alguns momentos, lembranças de ritmos africanos que o compositor transcreveu, ao vivo, na ilha de Bolama, em tempos de guerra colonial, ao ar livre, no Centro de Instrução Militar (CIM). Eram três percussionistas que o compositor convidou, vindos das tabancas (o cachet foram produtos de consumo tradicional do dia a dia daquelas populações oferecidos pelo exército). Homenagem também a eles e às amorosas gentes daquela terra africana.

C.L.